

Ela

No início não havia qualquer intenção. Quando ela se mudou para o apartamento em frente, tinha apenas quatorze anos. A mãe era evangélica, freqüentadora de uma daquelas igrejas onde mulheres só podem usar saias, e acreditam em tudo o que pastor – mesmo com cara de safado - engravatado, diz.

Nossas janelas davam frente e, ao cair da tarde, sem a luz forte do sol, podíamos ver todos os movimentos no apartamento vizinho.

Ela vivia o bom da vida, a adolescência, e mesmo com corpo em formação adiantada, nada mais era do que uma criança, não pelo corpo, mas pela cabeça ainda infantil. Estava num estágio de mudança de comportamento, onde ora era criança a brincar, ora mulher a desejar. Os cabelos castanhos claros, beirando o louro, os olhos levemente azulados e ingênuos, ao mesmo tempo se faziam persuasivos.

Logo que mudaram, sua mãe, batia a minha porta para oferecer bolos, doces e outras guloseimas que fazia como ninguém, um dom divino. O Rocambole de coco era o meu preferido, aquele recheio molhado e pedaços frescos ralados que derretiam na boca. Exatamente como ela os descrevia ao me presentear. Vez ou outra batia à porta para reclamar com toda calma e um certo embaraço, do som alto que eu teimava em ouvir depois das dez horas da noite. E eu, claro, respeitava aquela jovem senhora desligando o som, sem me perturbar, ao contrário, até com um certo respeito materno, afinal, mesmo no auge dos meus quarenta e seis anos, ainda sentia a falta da mãe que perdi poucos dias depois de nascer. Não me lembro exatamente da figura de minha mãe. Tenho recordações remotas das poucas vezes em que sorvi o leite materno. Meu rosto colado aos seus seios é só o que me vêm a memória. Alguns parentes disseram que eu não sobreviveria, mas felizmente conseguiram uma boa alma, que foi por mais de um ano, minha ama de leite. Dessa que me amamentou lembro bem, e tenho certeza de que seus seios não eram tão lindos como os de minha mãe. Quando cresci, cansado de agüentar meu pai sempre bêbado, resolvi fugir de casa. Consegui um abrigo na casa de um tio, que me proporcionou estudo, comida e roupa lavada, e aos dezenove anos, já empregado, pude cuidar de minha vida, morar e me sustentar sozinho, até conseguir comprar esse apartamento.

Dois anos depois da mudança, ela já não tinha mais a feição de criança, tornara-se completamente mulher, no jeito de olhar, de se vestir e principalmente de provocar.

Depois de minhas pobres refeições, ia para janela, esperar o tempo passar, criar coragem para lavar as louças, ver o movimento das crianças no pelo condomínio. Até que de repente ela aparecia, a fumar na janela, com uma camisola sensual e transparente, que mesmo à distância, me proporcionava admirar os pequenos, porém, rijos, empinados, eretos e quase arrogantes seios que ficavam exatamente na altura do parapeito, fazendo jus, ao nome da alvenaria. Ela esforçava-se para deixá-los à mostra. Eu observava; no início discretamente, depois de forma imprudente, direta, e ela passou a se exhibir da

mesma maneira. Há cada noite nos tornávamos mais íntimos. Depois de alguns meses, esperávamos até o meio da madrugada, para abrir discretamente nossas janelas, olhar ao redor, e iniciar nosso ritual: As janelas se abriam devagar, ela se despia lentamente, eu fazia o mesmo, depois ela subia numa pequena poltrona e deixa-me apreciar todo seu corpo. Ela de olhos fechados, eu de olhos bem abertos. A cada dia aumentávamos um pouco nossa intimidade secreta. Quando nos víamos nos corredores ou imediações do condomínio, não nos cumprimentávamos, a não ser quando ela estava acompanhada da mãe, únicas ocasiões em que podia ouvir sua voz pronunciar um simples e tímido "oi".

Passsei a não sair mais de casa, perdia noites de sono, perdia a hora e, conseqüentemente perdi também o emprego.

Após um ano de exibicionismo, finalmente atingimos um ponto em que chegávamos ao orgasmo, exatamente no mesmo instante, como almeja a maioria dos amantes, ambos totalmente nus, com as janelas e almas escancaradas, enaltecidos e exaustos com a plenitude do gozo que poucos conseguem alcançar.

Foi assim até o dia em que ela conheceu um rapaz. No início do namoro ainda continuávamos nos amando, mas à medida que o relacionamento foi se tornando mais sério, ela foi se distanciando da janela.

Com a notícia do futuro casamento, vivi a pior de todas as depressões. Sofri como nunca experimentara em toda minha existência.

Mesmo sem ser convidado dei um jeito de ir ao matrimônio. Aquela foi à última vez que a vi, olhava-a no altar da mesma maneira como a via na janela. Vangloriava-me em pensamentos por saber que entre todos os presentes na igreja, era o único que estava honestamente excitado ao ver à moça no dia mais importante de sua vida. O único de olhos fechados a vislumbrar seu corpo nu e os seios de minha mãe, debaixo do vestido de noiva.

Marcelo Nocelli